

Hilário Franklin

Advogado
Professora Venina Corrêa Torres, 230 sala 609
Centro – Nova Iguaçu – RJ – 26221-200
212667-3956/ 9640-80203/98138-0604
intimacaojuridicohf@gmail.com

Nos Barracos da Cidade: o Direito e o Grito que Vem de Baixo

Por Hilário Franklin

Na correria do dia a dia, entre uma petição e outra, me peguei escutando “Nos Barracos da Cidade”, na voz forte e suave de Gilberto Gil. A música entrou nos meus ouvidos como quem já sabia o caminho do coração. E ficou. Porque ela fala de um Brasil que ainda grita por justiça — e que, muitas vezes, é silenciado justamente por quem deveria escutar.

Ali, nos barracos, onde o cimento é frágil, mas a dignidade é firme, mora um povo que constrói cidades inteiras com as próprias mãos, mesmo sem receber de volta aquilo que a Constituição promete: moradia, segurança, respeito, esperança.

“Nos barracos da cidade / Ninguém mais tem ilusão...”

Quantas vezes vemos o Direito se afastar das ruas e se trancar em gabinetes? Quantas decisões jurídicas ignoram o fato de que viver na favela não é escolha, mas consequência? Consequência de políticas públicas mal feitas, de desigualdades profundas e de um sistema que ainda não aprendeu a olhar para o povo sem preconceito.

E, no entanto, o povo resiste.

Resiste quando levanta a laje.

Resiste quando compartilha o pouco.

Resiste quando cuida dos filhos, mesmo sem escola decente.

Resiste quando constrói um lar onde o Estado vê só invasão.

O Direito, esse instrumento tão bonito no papel, precisa descer do salto e subir o morro. Precisa entrar no barraco não como fiscal, mas como aliado. Precisa entender que *dignidade* não é luxo, é base. Que a *função social da propriedade* não é enfeite jurídico, é caminho de justiça.

Não dá mais para aceitar que o Judiciário siga tratando famílias pobres como se fossem obstáculos urbanos. Elas não são o problema — são o retrato do problema que ninguém quis resolver. E mais: são também parte da solução. Porque conhecem o valor da terra, da solidariedade, da comunidade. Porque sabem sobreviver onde o Estado fracassou.

Se o Direito não for capaz de ouvir esse canto que vem dos barracos — misto de dor, fé e luta — então ele não está cumprindo sua missão.

Mas há esperança. Há advogados e advogadas dispostos a ouvir. Há juízes e juízas sensíveis. Há movimentos sociais, coletivos, lideranças populares, mães guerreiras, jovens sonhadores. Gente que, mesmo em meio à lama, planta flor.

Que este artigo seja um convite. Um lembrete. Uma convocação.

Para que a gente, do lado de cá do balcão, não esqueça de onde viemos. Para que o Direito não perca a alma.

E para que, enfim, os barracos da cidade virem casas, lares, bairros — com nome, endereço e, principalmente, respeito.